

1 Introdução

A partir da obra central de Aristóteles sobre ética – *Ética a Nicômaco* – este trabalho de pesquisa tem por objetivo trazer para a contemporaneidade alguns fundamentos da filosofia moral ocidental. Neste esforço de entendimento dos conceitos aristotélicos, buscaremos reconhecer os elementos que originaram a ética de modo geral, assim como seu desdobramento para a moral, no contexto greco-romano.

Muito embora a *virtude ética* seja expressa de uma única forma em grego – *êthikê aretê* –, traremos indicações de que já havia no *corpus* aristotélico, e sobretudo na *Ética a Nicômaco*, diferentes leituras para a expressão, em função do resultado das ações praticadas por indivíduos em situações diversas. Uma primeira leitura, relacionando-a ao que chamaríamos hoje mais comumente de moral, ou seja: a ação em consonância às leis gerais e/ou aos costumes. Já a *êthikê*, em uma segunda leitura, seria mais identificada com as ações que se dirigem aos casos singulares, em que a lei não se aplica facilmente, mas o homem virtuoso é capaz de agir conforme a justa medida. Para Aristóteles, este homem virtuoso que pratica a *êthikê* (em ambos os sentidos descritos) é o que estará mais propenso à felicidade (*eudaimonia*).

Esta visada é somente possível na cidade (*polis*) almejada por Aristóteles. Isto é, veremos que na vida prática dos cidadãos, somente a política será capaz de orquestrar, através da educação e das leis, esta complexa *êthikê*. A obra central em que nos basearemos para verificar e demonstrar estas hipóteses sobre a questão é a *Ética a Nicômaco (EN)*, que não deixa dúvidas quanto à autoria. Utilizaremos também os outros dois tratados éticos – *Ética a Eudemo (EE)*¹ e

¹ O tradutor J. Tricot, na introdução de *Éthique à Nicomaque* (Librairie Philosophique J. Vrin) de 1990, salienta que melhor se compreende Aristóteles através de seus próprios textos, por isso opta como primeiras fontes de consulta, para esclarecer as passagens mais difíceis da *Ética a Nicômaco*, os dois outros textos sobre ética do autor – mesmo com todo o questionamento histórico sobre a autoria de tais obras. Ele diz que *Ética a Eudemo* por um lado tem-se mais certeza quanto a ser Aristóteles o autor, mas quanto a *Magma Moralia* há muitas dúvidas. Entretanto, afirma que não há dúvidas quanto ao alinhamento de conteúdo das três *Éticas*.

Grande Moral (GM) – tendo consciência, entretanto, que sobretudo a *GM* pode não ser de Aristóteles e que pode ter sido escrita, a *posteriori*, por seguidores ou estudiosos do pensamento dele².

Ao longo deste trabalho faremos um diálogo direto com Aristóteles, cotejando seus escritos. Entretanto, na medida da necessidade, traremos contribuições de alguns de seus comentadores, para, por vezes suportar, por outras alertar para a fragilidade de alguns argumentos.

O trabalho está dividido em três partes; podemos dizer que as duas primeiras estão voltadas à fundamentação, e a terceira é propositiva. A primeira parte procura verificar como a tradição grega trata a ética, além de fazer uma aproximação da ética com a natureza (*physis*) e com a política – temas que entendemos terem sido objeto de reflexão de Aristóteles na elaboração do seu tratado ético. A segunda parte destina-se à fundamentação conceitual, entrando nos principais conceitos aristotélicos que dão consistência à sua visão sobre a ética como filosofia prática. A partir destes conceitos, faremos um breve passeio histórico tentando identificar os pilares do pensamento sobre ética/moral nos diferentes contextos. Tal análise histórica nos permite perceber as diferenças estruturais do período aristotélico em que foi criada a expressão virtude ética, para o período em que viveu Cícero, onde surgem os primeiros relatos em que aparece a palavra moral, assim como para os períodos que se seguiram.

A terceira parte do trabalho fará uso da fundamentação das primeiras duas partes, e proporá uma leitura específica para o tratado ético de Aristóteles, de modo a buscar responder a pergunta que intitula este trabalho, e testar a consistência da proposição.

² Pierre Pellegrin focaliza na introdução da edição de outubro de 1995 de *La Grande Morale*, traduzida a partir do grego (*Ethika mégala*) por Catherine Dalimier, duas incertezas principais: a autoria e a cronologia. Ele diz que persiste, ao longo dos tempos, um trabalho investigativo no sentido de assegurar que esta obra tenha sido escrita, de fato, por Aristóteles. Entretanto, mesmo havendo divergências de opinião sobre a autoria, não se questiona a coerência de seu conteúdo com o pensamento aristotélico e com as outras éticas (*Ética a Nicômaco* e *Ética a Eudemo*). Muito provavelmente, segundo Pellegrin, pelo fato dos manuscritos encontrados terem caráter mais didático, devem ter sido deliberadamente “arrumados” e “organizados” com forte interferência dos editores da época. No que diz respeito à cronologia, Pellegrin acrescenta que a *Grande Moral* tende a ter sido escrita no último terço da vida de Aristóteles e muito possivelmente teria sido a última das três éticas. Pellegrin chega a afirmar que aparece neste texto uma maior ênfase da “moral” frente à “ética” – que teria sido mais sublinhada nos outros dois textos: “(...)Il y a là un pas vers ce que nous pourrions appeler la 'morale' plutôt q'une position <éthique> au sens ancien.” (p.23).

A definição de virtude ética³ proposta por Aristóteles nos deixa indicações importantes do que seria de fato o seu conceito de homem virtuoso. A ética aristotélica está baseada na escolha livre e na ação, por isso enfatiza a responsabilidade do homem sobre seus atos – sejam eles bons ou maus. É estudando as definições aristotélicas de *phronimos*, *sophron*, *akrates*, *akolastos*, *malakos*, *theriotes*, *kakos* – homens virtuosos ou perversos - que buscaremos testar a possibilidade das “duas éticas” que propomos.

O livro X da EN evidencia que a prosperidade da *polis* só será possível se o legislador for capaz de gerir essa complexa *êthikê*, que procura tanto a formação de hábitos coletivos (disciplina, costumes e educação), quanto sabe reconhecer a existência de situações particulares em que a lei vigente não é suficiente. Neste sentido, talvez esteja aí - na *polis* aristotélica - o sinal dos rumos que tomaria a *êthikê*. Veremos que a necessária prática tanto da “*êthikê* moral” quanto da “*êthikê* ética” para atingir o bem da *polis*, traduzida na unidade do termo, tomou outros rumos.

A outra expressão para *ética* surge no latim – *mores* -, e a partir daí parece iniciar-se o distanciamento dos dois termos – ética e moral – não em relação ao conceito, mas à aplicação. Na modernidade ocidental, talvez face às bandeiras de liberdade erguidas pelo homem, que exigiram laicizar o pensamento, a moral, percebida como regras e ditames rígidos, é vista com maus olhos; e, a ética, sem maiores aprofundamentos conceituais, é valorizada.

Atualmente, a importância da consolidação da democracia e dos direitos humanos, reforçando a valorização da ética, são alguns exemplos. Sua aplicação, entretanto, tem tentativa universalizante, muitas vezes sem compreensão das singularidades de cada questão, limitando-se a preconizar o que seja certo ou errado, vida ou morte, bem ou mal. Nesse mesmo sentido, em sistemas democráticos, a opinião pública ganha relevância discernindo coletivamente (muitas vezes emocionalmente, sem lastro reflexivo suficiente) o que seria ético. Parece-nos que, neste processo, a reflexão ética pode estar sendo absorvida pela moral, com novo invólucro.

³ “A virtude é, portanto, uma disposição de escolher por deliberação, consistindo em uma mediedade relativa a nós, disposição delimitada pela razão, isto é, como delimitaria o prudente.” (Aristóteles, EN II 1106 b 36 – 1107a 2). Tradução do grego por Marco Zingano.

Essa discussão tem sido encaminhada por alguns pensadores atuais. Ao longo do trabalho traremos algumas posições da cena européia, como Martha Nussbaum, Monique Canto-Sperber, Paul Ricoeur, entre outros. Todavia, é consenso entre tais pensadores o caráter insuficiente e inconcluso das abordagens vis-à-vis à urgência atual.

Veremos que a *êthikê* – moral e ética – fragmentou-se ao longo do processo histórico e da gestão política da sociedade. Este trabalho – *É possível distinguir ética e moral na Ethica Nichomachea de Aristóteles?* – longe de intencionar justificar a separação ou união dos termos (moral e ética), tem por intuito despertar, a partir da filosofia antiga, e especificamente do pensamento de Aristóteles, para a necessidade de maior fundamentação desta investigação e de inclusão de elementos estruturantes no debate contemporâneo.